

Fernando Henrique vai virar ONG

Sérgio Prado e
Pablo Pereira

de São Paulo e Brasília

Jimmy Carter, Nelson Mandela e Mikhail Gorbachev são homens que tiveram nas mãos o poder Executivo de seus países. Em janeiro, mais um todo-poderoso, o presidente Bill Clinton, vai juntar-se a este seleto grupo de presidentes em retiro. Essas quatro personagens, olhadas em perspectiva de médio prazo, apresentam uma diferença. Clinton deixa o poder com idade e cacife político para pleitear uma eventual volta à Casa Branca. Os demais parecem mais preocupados em continuar a vida longe dos seus ex-palácios. Viraram ONGs.

Carter, Mandela e Gorbachev dirigem fundações, viajam pelo mundo pregando soluções para mazelas do planeta e emprestando prestígio no combate a racismo, guerras e exclusão social. Nos últimos meses, caminho semelhante começou a ser desenhado também no Brasil.

Amigos do presidente Fernando Henrique Cardoso querem vê-lo, a partir de 2003, fazendo companhia a aqueles notáveis. Há auxiliares de

FHC que acrescentam um outro componente no futuro profissional dele. Conhecem o presidente há décadas e acompanham a trajetória do homem que era professor, virou político, entrou para o Executivo e em dois anos completará o segundo mandato no mais alto cargo do País. Ao deixar o Palácio do Planalto, FHC atuaria como uma espécie de Henry



Nelson Mandela

Kissinger latino, fazendo consultoria internacional amparado numa inserção mundial alcançada pelos seus conhecimentos intelectuais, liderança política e, claro, experiência no comando da maior economia das Américas espanhola e portuguesa. Um colega de partido do presidente tem até estimativa de preço para uma palestra dele: R\$ 30 mil.

As articulações para aprontar essa cadeira para FHC no fim do mandato ocorrem entre São Paulo, Rio e Brasília. O endereço mais provável para o que seria a "Fundação FHC"

é o Rio de Janeiro, cartão postal brasileiro no exterior, terra adotiva do pernambucano Joaquim Nabuco e do baiano Rui Barbosa, e berço natal do Barão do Rio Branco e de Joaquim Maria Machado de Assis. E do próprio Fernando Henrique. Nabuco, Rui, Barão e Machado morreram no serviço público. Nabuco como embaixador em Washington; Rui, em Petrópolis, mas como ilustre representante em Haia; Rio Branco, no Itamaraty; e Machado, licenciado do então Ministério da Viação, pagando aluguel de casa no Cosme Velho até o último dia de vida. Todos deixaram obras importantes para o País. Fernando Henrique, admirador dessas personalidades e useiro dos escritos de Nabuco em seus discursos, interrompeu a carreira teórica no início dos anos 90 para praticar no Executivo. O plano da fundação completaria seu legado.



Fernando Henrique Cardoso

O "politburo" que os amigos preparam para FHC está sendo pensado para abrigar debate político e pesquisa. E, claro, fazer com que em torno do futuro colega de Carter,

Mandela e Gorbachev gravitem intelectuais e políticos de expressão, ligados às idéias que FHC pretende divulgar ainda nos dois anos finais do mandato presidencial.

Em Brasília, o assunto ainda tem sido tratado com cautela por auxiliares do presidente. A decisão final sobre o projeto tem caráter pessoal e no Palácio do Planalto a ordem é separar as coisas. A campanha sucessória ganhou espaço depois de outubro, mas o discurso oficial, claro, é o de que o presidente ainda tem muita coisa para fazer nos dois últimos anos à frente do Planalto.

Por via das dúvidas, o esboço da entidade já vai adiantado. Promove-se pesquisas sobre temas específicos

em busca de diagnósticos mais atualizados na área social, que ajudam no gerenciamento dos programas sociais do governo federal e poderão, eventualmente, ter outras utilidades adiante.



Henry Kissinger

Quando se fala do futuro de FHC, os amigos torcem o nariz para a hipótese de ele seguir os passos de outro ex-presidente, José Sarney, que foi buscar abrigo no

Senado. Afinal, dizem auxiliares próximos dele, Fernando Henrique tem relações pessoais com gente como o poderoso Bill Clinton, coleciona prêmios e títulos concedidos por organismos internacionais, como o da Fundação Príncipe de Astúrias, recentemente recebidos das nobrezas espanhola e britânica.

Internamente, FHC carrega consigo o reconhecimento dos principais líderes empresariais e políticos nacionais. Quaisquer dez minutos de conversa com ele são, em muitos casos, suficientes para cativar, abran-

dar ânimos e mudar comportamentos. Muitos destes contatos sugerem também idéias alternativas para o presidente, como a da ocupação de uma cadeira na ONU. Coisa de grandeza no exterior. Convencidos das qualidades de FHC, seguidores dele dizem até que o presidente levaria vantagens numa comparação, por exemplo, com o atual secretário-geral da ONU, Kofi Annan.

Neste contexto, as projeções sobre as atividades da primeira-dama, Ruth Cardoso, não ficam de fora. O atual Comunidade Solidária liderada por ela seria transformado numa Organização Não-Governamental (ONG) para atuação direta no campo do combate à pobreza e na disseminação das mudanças na educação e das ações de saúde pública que o governo conta a seu favor. O assunto ganha cada vez mais espaço dentro do governo. A formação da ONG facilitaria a obtenção de recursos, em especial de fontes estrangeiras. Como em política só há certezas no pretérito, boa parte do governo trabalha para preservar o que considera "avanço" executado em quase uma década de poder.